

# TABEBUIA

Índios  
Pensamento  
Educação

*Leve ser. O contrário de pesado. Em Corografia Brazílica (1817), Casal define, na página 108: A Tababuya he arvore notável pela leveza do seu lenho, do qual apenas se faz mais do que rolbas, e boyas: elle reziste a todos os instrumentos menos aos que trabalham a cortiça. (CUNHA, Antonio Geraldo. Dicionário das palavras portuguesas de origem tupi. 5 ed. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: UNB. 1999. p. 272)*

"Árvore Mãe", de Noêmia Maxakali





Esta publicação nasceu do nosso desejo de **ampliar o espaço de discussão** sobre uma experiência que é nova para a universidade: a presença dos chamados índios não só em suas salas de aula, em seus laboratórios, em seus corredores, em suas salas de reuniões, em suas publicações, mas em seus fundamentos. Finalmente, torna-se objeto de estudos a possibilidade de que as vozes indígenas passem a compor o universo da produção científica. De que forma isto se daria é o desafio que aceitamos, ao criar na UFMG o curso especial de formação intercultural de educadores indígenas.

O termo índio é, como lembrou certa vez Ailton Krenak, um **erro de português**. Mas, e se a universidade brasileira, justamente, incorporasse este conceito ao seu devir? Quais seriam as consequências? Não é pelo erro, pela errância, que o mundo se amplia?

O pensamento indígena já existe como questão para a etnologia há bastante tempo. A etnografia atual tem tratado de descrevê-lo em suas variações e particularidades. Sentimos falta no terreno acadêmico, no entanto, da expressão direta das ideias que poderiam compor tal pensamento. E o esforço de introduzir tal pensamento no ambiente universitário, nas pesquisas, sobretudo, em ciências humanas e sociais, nos colocaria talvez diante de um dilema anterior: o pensamento, como podemos entendê-lo na civilização ocidental, não é comum, sua condição primeira é a subjetivação, a singularidade. Não poderia existir, a rigor, um pensamento indígena, uma vez que não há nenhum sujeito real a produzi-lo. A menos que voltássemos a posições pré-científicas. Trazendo os índios para a universidade, estaríamos querendo retornar à mentalidade pré-lógica? O que trariam de novo à Ciência os conhecimentos tradicionais das populações indígenas, já que a condição mesma de sua existência se vincula a **posturas nada científicas** como o sonho, a vidência, o uso de substâncias psicoativas, o contato com

o invisível, a música, a pintura, a narrativa oral etc.? Não estaríamos, com a escuta sistemática dos velhos índios, apenas retornando às formas arcaicas de busca do conhecimento? Seria possível avançar com tais retornos?

Esta questão, assim como várias outras que nos são colocadas a partir da tentativa de fazer valerem os métodos de pesquisa e transmissão que os índios nos tem trazido, é, no entanto, impertinente. Tanto a física, quanto a poética, quanto a filosofia contemporâneas nos aproximam desses **métodos "indígenas"**. A interdisciplinaridade, a compreensão dos processos inconscientes, o perspectivismo, a visão semiótica da linguagem, a potência do mundo virtual, todos esses novos paradigmas nos levam ao encontro tardio com a mentalidade dos povos que primeiro habitaram nosso continente e que milagrosamente sobrevivem.

Maxakalis, pataxós, krenaks, xacriabás, xukuru-kariris, aranãs, kaxixós, estarão até o ano de 2010 presentes no campus da UFMG - em seus percursos acadêmicos cuja precariedade é a brecha por onde restará a **invenção de novos métodos de ensino** - portando signos de outras formas de relação, outras sociedades, outras humanidades. O sentido que esta experiência quer dar à Universidade é realmente amplo e aberto: não é institucional. Por isso é uma experiência singular, única, que nos aproxima do momento em que a ciência e a arte obedecem ao mesmo princípio, o da invenção. A dicotomia entre tradições orais e escritas, neste momento, desaparece. Assim, descobrimos que os Maxakali, por exemplo, são milenarmente tão dedicados à escrita quanto ao canto; que o idioma dos antigos Xacriabá não está perdido, uma vez que eles o estão copiando dos sonhos; que a arqueologia Kaxixó vai "desencapar" os segredos da terra; que a língua dos botocudos Krenak está mais viva em seu território que o português etc. etc...

*Maria Inês de Almeida*

Coordenadora de Múltiplas Linguagens-FIEI/UFMG